

DAQUI DA ZONA OESTE

CORRESPONDÊNCIAS ALÉM MUROS ENTRE DOIS ARTISTAS VISUAIS NO SUBÚRBIO CARIOCA

RAFAEL AMORIM

RODOLFO RODRIGO VIANA DE PAULO

Rafael Amorim (1992) é poeta, pesquisador e artista visual independente, nascido e criado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde encontra as principais referências para sua poética. Seu livro mais recente de poemas, “santíssimo” (Ed. Urutau), recebeu menção honrosa no 31º Prêmio Mix Literário no Festival Mix Brasil. Em 2020 participou da 1ª Edição do Prêmio Rio de Contos, sendo premiado pela 4ª edição do Prêmio Rio de Literatura na categoria Novo Autor Fluminense com seu livro de estreia, “como tratar paisagens feridas” (Ed. Garamond). Possui formação em artes visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Rodolfo Viana é artista-pesquisador interessado em performances, escritas, imagem e fotografia expandida: www.rodolfoviana.com. Docente na graduação de Comunicação Social da ESPM-SP. Pós-doutorando na UERJ, na Faculdade de Comunicação Social (FCS/PPGCOM), sob supervisão do Dr. Fernando Gonçalves. Investiga o projeto: “A metaconstituição e o gesto na arte: arquivo público, pós-colonialidade e cultura popular periférica”, em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa Trama (Comunicação, Arte e Redes Sociotécnicas). Doutor pelo PPGCOM/UFRJ, linha de pesquisa: Estéticas e Tecnologias da Comunicação. Em 2022, defendeu a tese de Doutorado: “E quem disse que mandando precisa ser macho? Etnografia das tradições, dissensos de gênero e performances negras dos passistas das escolas de samba carioca”. É Mestre em Artes da Cena, com a dissertação “O Imundo, o funk e as bixas-pretas: imagens, performances e poses no portrait fotográfico”, pela UFRJ (PPGAC/2018).

A Zona Oeste é a maior sub-região do município do Rio de Janeiro, cuja violência colonial sepultou inúmeras memórias. Os vestígios, rastros e vivências são resgatados por dois artistas-pesquisadores oriundos desse território ao decidirem elaborar uma contra-narrativa, ativando a correspondência digital enquanto mediadora de poéticas que tem como efeito o tensionamento da história oficial da cidade. Entre os meses de junho de 2024 e janeiro de 2025, foram trocadas correspondências que utilizam da escrita como forma de registro e ressignificação das experiências de identidade, diáspora e pertencimento. Entre a oralidade e a formalidade epistolar, os autores refletem sobre ausências, encontros e a materialidade da linguagem, propondo a correspondência como um gesto político e poético de conexão entre si e seus territórios de origem.

zona oeste,
artes visuais,
memória,
escrita
epistolar.

guaratiba - rj, 10 de junho de 2024
[06:14]

de: r,
para: r.

estive pensando no lance das palavras e na força delas quando a utilizamos como instrumento para desfazer arapucas tendenciosas. pensando no que não ficou gravado durante aquele sábado, no seu terraço. naquilo que a gente precisa dizer duas vezes, mudando a forma do texto com saliva para lubrificar palavras dormentes e fazê-las caber nos buracos de um muro que em breve será derrubado. no que diz respeito a isso, quero a palavra gambiarra, composta pela ambiguidade dos nossos silêncios, dos nossos barulhos e das nossas texturas. nos corresponder a partir da zona oeste deve ser isso: deixar no texto o nosso suor, o sol na nossa cabeça fritando sílaba por sílaba.



FIGURA 1.
RODOLFO VIANA, 2024. ACERVO PESSOAL.

Realengo - RJ, 11 de junho, de 2024
[09:45]

de: r.
para: r,

Para o corre, acordei mais uma vez me sentindo em débito com as horas perdidas.

A hora das minhas gambiarras textuais é pela manhã, mas, de fato, o passar do dia usa a saliva para nos deixar escorregar em ainda mais textos. Cada vez que passo pelo muro, e passo quase todos os dias, faço registros. Meu olhar tende a perceber pequenas mudanças.

De minha infância pra cá, o que sobrou dele foi um quarto da sua extensão total ou uma caminhada de 5 minutos de um ponto a outro. Ainda é muita coisa, curiosamente, é alheio, é de todo mundo e ao mesmo tempo, não pertence a ninguém. Não te contei, mas eu peguei um pedaço do muro para gente. Tive uma professora de geografia que trouxe uma pedra para a sala de aula. O objeto de estudo foi posto em cima da mesa, no meio da bolsa, do diário de classe e ela já foi dizendo que era um pedaço do Muro de Berlim, como uma evidência, uma relíquia de um acontecimento que eu ainda não tinha dimensão. Inspirado pela lembrança, puxei um pedaço amorfo do reboco que se soltou.

O fato estranho e talvez geologicamente óbvio é que a terra se soltando por rachaduras, em deterioração, fica parecido com a forma da América Latina.

O óbvio não pode perder a capacidade de provocar o poder.

Realengo - RJ, 14 de junho, de 2024
[18:08]

de: r.
para: r,

Pela primeira vez na minha história vou entrar no terreno da antiga fábrica, amanhã, tudo será parque. Talvez outras crianças da minha geração tenham feito isso pulando o muro em gesto de insubordinação. Habitei a vida toda uma relação de naturalidade com a casa de minha mãe e aquele enorme vazio ao lado. O letramento me ensinou o que é uma diáspora. Mas só a profunda revolta torna notável a injustiça que ela provoca. Violência aparta o humano das dignidades, faz sequelas, causa emudecimento, separa a vivência e a palavra. Se fez muita coletivização de revoltas bem articuladas por aqui frente a esse muro: a revolta habitacional, a revolta do lixo, a revolta do alagamento, a revolta da distância, do desuso. No sensível, há a revolta dos sentidos e suas funções, expresso, mas nem sempre letrado. A insubordinação das revoltas faz inteligências e sínteses necessárias para esses tempos que vivemos. No mundo todo, a história dos muros não é outra que não seja separar. A ruptura de um muro é um evento extraordinário, rompe as coisas, confere dinâmica e transforma o entorno. Pense em quem foi imobilizado em permanecer ao lado do muro realenguense, apenas pela força e tirânia do muro? A ruptura dele é um marco no arejamento do lugar, porque cria outro lugar. O Estado vem organizando essa ruptura do muro e chamando de Inauguração do Parque Suzana Naspolini. Que bom que os muros nunca foram capazes de sustentar uma história única sobre sua existência.

guaratiba, 19 de junho de 2024.
[13:50]

de: r,
para: r.

a ideia de sertão é um conceito expandido. mesmo em disputa, por aqui, sertão é para onde ninguém quer olhar. onde os ônibus demoram a chegar, onde são feitas barricadas de pneus e a guerra entre facções. li num poema da adélia prado¹ que “tudo que invento já foi dito / nos dois livros que já li: / as escrituras de deus, / as escrituras de joão. / tudo é bíblias. tudo é grande sertão.” me chama atenção o plural na palavra bíblia, o que me faz crer na polissemia divina nas terras daqui. se tudo é bíblias, nada é bíblia, porque o verbo é muito, ambíguo, aberto e relacional. agora, quando tudo é grande sertão (sem plural), toda a terra o é. em joão guimarães rosa leio que “sertão é onde o pensamento da gente se torna mais forte do que o poder do lugar. viver é muito perigoso...”² por aqui, nesse pedaço de sertão que ainda mantém suas próprias leis, tipos e costumes, viver ainda é perigoso. só agora nos chegam as melhorias de um projeto de cidade que sempre nos excluiu. muitos muros foram e ainda são erguidos. mesmo assim, ainda há uma terra no sabugo das unhas. as formas de vidas que nascem no sertão carioca³ são frutos estranhos que dão no pé de árvore da diáspora que aconteceu dentro do nosso próprio estado, resultado das constantes remoções à beira-mar. depois de tudo isso, nascemos, atravessamos a cidade, vivemos nossos amores em outras bandas (porque ser bicha no velho oeste carioca⁴ requer reaprender geografia básica) e agora retornamos com as raízes fortalecidas.

1 Prado Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

2 ROSA. João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

3 Ver CORRÊA, Antonio Magalhães. *O Sertão Carioca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

4 Ver MANSUR, André Luis. *O Velho Oeste carioca: História da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (De Deodoro a Sepetiba) do século XVI aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2008

realengo, 28 de junho, de 2024
[14:24]

de: r.
para: r,

Estive no parque essa manhã. Venho estranhando com familiaridade toda essa diferença na paisagem da região. A Zona Oeste é um local com isolamento natural pela cadeia montanhosa. Dos platôs do parque, logo abaixo das torres, dá pra passear o olho por essa visão. É a primeira vez que vejo minha comunidade pelo termo *gringo* do *skyline* junto ao morro que faz parte do Parque Estadual da Pedra Branca. Mas branco, me lembra véu, véu me lembra virgem e, meus irmãos e eu, dávamos o nome de Pedra da Buceta. Engraçado, porque naquela idade, uma buceta só nos dava prazer pelo prazer de atazanar um adulto que pudesse ouvir a palavra proibida. A forma está lá na geografia, a moral dessa parte do corpo já estava formulada quando nascemos, recebemos esse valor já pronto. Curioso que as paisagens dos morros cariocas sempre fizeram clichês imagéticos com as curvas femininas. Ao mesmo tempo, as trilhas sonoras que as favelas produzem deixam a palavra braba e não temem em nomear as coisas que fazemos com nossas memórias.

Marquei hoje 7 datas para o uso do anfiteatro, pretendo realizar um tour artístico com minhas pesquisas pela região nesses 10 anos. Vou oferecer 7 pontos de vistas guiados pelo parque, serão as personas: do familiar, do estrangeiro, do favelado, do artista, do professor, do popular e do malandro. Nunca somos uma coisa só, é atravessador por todas essas personas a pobreza, a bicha e a negrura que nos compõe.

realengo, 29 de julho, de 2024
[21:00]

de: r.
para: r,

No dia em que você esteve aqui, teve um fato inusitado. Enquanto conversamos, minha mãe, com um entusiasmo histriônico, fez o que ela sempre faz e, ao invés de ir ao desconhecido, foi ao que é conhecido.

Enquanto conversamos sobre as coisas que estavam sobre a mesa, sobre o porvir de nosso encontro, tive um sentimento duplo. Eis que Senhora Minha Mãe, muito enturmada, também traz uma coisa - coisa essa, apenas conhecida por ela -, e nos mostra. Tive uma imediata reação materna diante das visitas, pensei: “em casa a gente conversa tá, mãe...”

Fiquei realmente espantado em ver pela primeira vez um álbum de família estruturado, um livro grosso, de 4 dedos, metade de uma lauda, um bloco folheável por páginas largas, tudo muito puído, cinza chumbo.

Outra reação imediata é que eu nem queria ver o álbum naquele momento, porque desejaria fazer isso com desfrute e tempo. Acordei, passei meu café, tive a casual visita do meu irmão e convidei ele para ver o desconhecido.

São imagens das décadas de 1970 e 80. Há uma ou outra datação. Todas imagens pb, feitas por fotógrafos, tudo seguindo algum tipo de enquadramento cuidadoso e não amador. Calças boca de sino, conhecidos de meu irmão e minha mãe, parentes distantes, pessoas já falecidas, reunião de homens importantes em momentos solenes e humildes. O pano de fundo das fotografias tem imagens da comunidade ainda em formação, quis tanto encontrar o conhecido muro nelas que acabei encontrando.

Fui narrando o que meu olho conseguia perceber pro meu irmão. Fui ouvido e ouvi. Ele desconhecia a existência do tal álbum, que segundo minha mãe, foi parar de mão em mão, até chegar nela.

Todas as demais fotografias que guardo ou que já tomei conhecimento em minha família, são de câmeras saboneteiras, dos anos 90, retratos amadores, tortos, sem foco e organizados de forma anacrônica ou em amontoados.

Há anos, coisas guardadas me chamam atenção. O objeto relicário que é uma imagem física, tocável, deixa meu interesse petrificado por escolha própria. Faz tempo que o familiar ficou mais gostoso quando olho com a generosidade de um mundo desconhecido.



FIGURA 2

SEM TÍTULO [*MURO NO FUNDO DA MINHA CASA*]. ARTHUR BISPO DO ROSARIO.
MONTAGEM, ESCRITA, PERFURAÇÃO E CARPINTARIA. 11,50 CM X 50,00 CM.
COLEÇÃO MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA.
REGISTRO: RAFAEL AMORIM

em trânsito, 07 de agosto de 2024
[10:16]

de: r,
para: r.

aqui a escrita vai ser máquina do tempo, assim como seu álbum de fotos. para frente, para trás e para dentro. porque escrevo em resposta às suas memórias, meu amigo, sobrepondo o que lembro quando penso lembrar sobre fotografias impressas ou quando penso sobre os nossos registros para os tempos que vem. estou nesse brt, a caminho do jardim oceânico, buscando alguns enlaces de memória na minha cabeça e no meu corpo. esse processo é como uma viagem de ônibus daqui de onde a gente sai: demorada. há umas semanas pude finalmente visitar o parque realengo pela primeira vez e me emocionei. fiz fotos e nenhuma delas ficou boa. acho que coisas desse tamanho, que tomam parte da nossa emoção, são mesmo fugidias à captura e aos enquadramentos. fato é que o registro do parque está na minha memória sonora e não visual. mesmo as cores das torres me parecem compor algo da ordem auditiva ou epitelial. cor na pele, a cor no pelo: entrando cada vez mais fundo em todos os meus buracos e isso, antes de ser uma imagem, é uma sensação. onde ficarão esses registros quando a gente não estiver mais aqui? tenho alguma certeza de que nossas fotografias não estarão em feiras de antiguidades como as do século passado costumam estar. sendo otimista, pode ser que a venda de *hd's* ocupe as bancadas ou que alguma pessoa mais curiosa queira comprar celulares de segunda mão para descobrir quais registros guardam seus circuitos. estive no parque realengo no mesmo dia em que visitei o museu do bispo do rosário e é possível que a gente esteja vivendo um momento de destituição das ruínas na zona oeste. nós as recusamos porque a memória da ruína é a memória que se quis apagada. tanto no museu quanto no parque tive a sensação de que estamos contando nossa própria história sem a interferência que antes nos colocava no lugar do outro, do exótico e do marginal. o bispo e seus objetos são registros preciosos de sua passagem pelo mundo, de seu corpo preto e de uma fé menos hermética. fé no que é objetual, a magia não está nas imagens,

mas na intenção delas.

em trânsito, 11 de setembro de 2024
[10:20]

de: r,
para: r.

um táxi de guaratiba para o largo do machado me custa mais de duzentos reais. duas horas de viagem que, a depender do motorista e do carro, vão ser gastas numa vista de engarrafamentos da barra da tijuca sob o abafado do couro dos bancos e do metal da lataria. fiz esse trajeto hoje, mas utilizando um aplicativo, o que deixou a viagem consideravelmente mais em conta e não menos desconfortável. cheguei atrasado. chego atrasado na maioria dos meus destinos. no meio da viagem, entre propagandas políticas na rádio matinal, ouvi que o cometa *tsuchinshan-atlas* poderá ser visto daqui da terra nos próximos dias. sua calda é feita do material que forma o universo e por isso ela deixará um extenso rastro brilhante de rocha e gases. não sei se esse cometa também está atrasado para seus compromissos com a astronomia, pode ser que esteja. pode ser que ele venha de um ponto do universo em que é impossível não se atrasar para seus destinos brilhantes. faz calor há semanas, secaram os rios e durante as duas horas de viagem, a programação da rádio não tocou nenhuma música. as rádios também estão atrasadas e ontem você fez alguns registros meus em realengo. há, sabemos, uma traição em todo e qualquer retrato já feito. os meus, os seus, os de qualquer cometa. nós brilhamos diferente. a traição da narrativa é coisa do olho, de nós, videntes, pois a fotografia é incapaz de registrar nosso atraso e a poeira que ele deixa sobre as tiras dos chinelos. tenho gostado de falar sobre fotografia a partir da incapacidade de permanência da imagem, da mutação das coisas, da impossibilidade do aqui.

em mudança, 06 de janeiro de 2025
[16:49]

de: r.
para: r,

Sinto que mal cheguei ao subúrbio e estou de saída. É a porção estrangeira da minha vida. Morei aqui pelas bandas da favela do Ideal na infância e enfrentei incontáveis diásporas dentro da cidade. Ora fui levado e quando pude decidir por mim, passei a me levar. Na adolescência, traduzi erroneamente “eu me passeio”, da expressão francesa, “je me suis promené”, gostei dessa falha cognata. Conquistei o direito de ir e vir para qualquer lugar.

A favela tem uma ambivalência parecida com a do subúrbio. Entre a casa tipicamente suburbana que você conhece e “lá na favela” tem o parque no meio. Aqui é subúrbio e alguns quarteirões em volta, a depender da direção, é favela. Jeitos de sentir o cotidiano de forma partilhada, mas com sutis diferenças. Tem pertencimento que mesmo ferido pela ausência de cidadanias não se desfaz. A senhora Dona Nair tem gozo em ficar na comunidade fazendo interações provincianas. Quanto a mim, me recuso a pertencer sem acusar o que infringe. Gosto dos olhos que cultivei para ver essa região formadora do meu modo de fazer-pensar, desde a introdução da dissertação do mestrado⁵ (2018).

Se minha existência data de 3:00 da tarde, do dia 15 de outubro, de 1984, eu posso te testemunhar que a Favela do Ideal recebeu a primeira lata de lixo pública do estado, apenas no ano passado, 40 anos depois de que nasci. Ter escolhido morar no subúrbio nesse último ano, me fez reelaborar memórias e dar cabo de uma investigação poética que vem ocorrendo no tempo lento.

5 Ver. VIANA, Rodolfo. *Poses Imundas: o funk, a fotografia, performatividade de gênero e a dança na construção do portrait fotográfico contemporâneo*. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rbep/a/NPX-DYYLnkMcbW64HY4LTJWB/?lang=pt>>. Acesso em: 13/03/2025.

Tem uma pequena revolução e certeza de cidadania poder desacelerar os corres. Há 6 anos pratico um ato de costurar tecidos. Em uma bolsa, junto retalhos e uma caixinha bibelô com agulhas e linhas, apenas faço emendas. Até chegar nessa casa que resolvi teimar e chamar de ateliê, fui criando perspectiva sobre o acaso dos tecidos e de suas tessituras poéticas. Leva-se 6 anos para se compreender o que fazemos com aquilo que juntamos diante da afetação? O ato convoca acasos e nos enche de matéria e não-matéria para a poesia. A sobrinha que nos tirou a foto no dia do churrasco aqui e que aprendeu a manusear rápido uma câmera dslr, acaba de fazer 9 anos, e num ato de subversão infantil, sem explicação, escolheu rasurar a parede. O aqui é sim um - agora.



FIGURA 3
RODOLFO VIANA, 2024. ACERVO PESSOAL.

rota do sertão sergipano - se, 08 de janeiro de 2025
[11:02]

de: r,
para: r.

te escrevo da rota do sertão sergipano, onde tudo agora faz sentido. onde encontro comigo mesmo sem saber que isso seria possível. te leio enquanto atravesso cidades onde nunca dormi, mas é no trânsito que mais sinto amor, principalmente quando a paisagem fisga em mim essa vontade do fora, do viver para testemunhar a história de um lugar com o corpo. tenho vontade de descer desse ônibus e encontrar com as mãos os vestígios que conectam os nossos sertões, as nossas semelhanças no giro com a diferença. o aqui é um estado de espírito, querido amigo, assim como a invenção das distâncias. o longe, o perto e o sertão são, antes de qualquer atribuição geológica e geográfica, conceitos político. sinto muita sede desde que cheguei. sinto que vou carregar essa sede comigo pelo resto da vida: não se passa impune pelo sertão, disso eu sei. finalmente encontro algumas respostas para perguntas apenas ensaiadas. olhando pela janela, entendo porque quiseram que o nosso oeste recebesse o nome daqui, de sertão. primeiro porque dar nome é também uma estratégia de captura e controle sobre algo; mas, principalmente, pela incapacidade de apreender nosso lugar de origem sob óticas da diferença. e, no entanto, mesmo nos encontrando na diferença, a paisagem desse sertão-aqui é muito parecida com a nossa. as pessoas carregam semelhanças que o magalhães corrêa chamou de “os tipos do sertão”. parece haver um estado de intensa manutenção e um bonito cuidado com a presença rural que não cabe em nenhum dos projetos que inauguraram a homogeneização das capitais brasileiras, suas tentativas de padronização europeia na modernidade e, posteriormente, o modelo pavoroso da arquitetura de vigilância. no trajeto da rota do sertão sergipano, enquanto penso em algo para te responder, lembro que foi daqui que também saiu o bispo do rosário, de uma cidade próxima chamada japatuba. quando lembro disso e, remexido todo por dentro pelas semelhanças entre os sertões, tenho vontade de chorar. um choro pelo não retorno, mas pela violência com que o nosso sertão tratou esse artista que hoje nos inspira - e que tem seu acervo resguardado na mesma instituição que causou seu sofrimento psíquico. ainda assim, a rota do sertão sergipano me comove e me convida a olhar para tudo aquilo que ainda somos, para as nossas diferenças para com o resto da cidade, as distâncias que nos foram impostas, nossos muros e como nos reinventamos politicamente toda vez que falamos sobre. nós criamos nossos próprios museus e nossas vanguardas artísticas sem qualquer investimento que se equipare às zonas mais privilegiadas

da nossa guanabara. aqui parece ser um pouco diferente, mas ainda sei reconhecer as assimetrias de um estado que concentra sua renda nas construções à beira-mar. por isso diariamente somos expulsos. algumas de nós vai buscar modos de elaborar suas perguntas em outros lugares, outros subúrbios, periferias, sertões e espaços cujos nomes ainda não aprendemos. isso pode ser o fim do mundo, mas pode ser a linguagem da travessia. agora você vai mudar de casa mais uma vez, deixar a geografia da favela do ideal (esse nome por si só me parece um contragolpe aos modos de nomear nossos espaços), movendo-se num corre construído pelos laços entre aquilo que você deixa para trás e o que fica guardado na pele. sinto isso daqui, há quilômetros de distância de casa, a caminho para uma parte do rio são francisco. aqui, tudo é sergipe e ainda é zona oeste. tudo é sertão na gente porque a gente é feito da reinvenção daquilo que disseram que seríamos: a gente é o cruzo. a gente é feito de cerol, grau e das altas temperaturas, guarde isso com você, amigo. enquanto você se prepara para recalculer sua rota, o muro vai continuar contando as histórias das mulheres do ideal, assim como sua sobrinha continuará rasurando paredes e imagens, o subúrbio continuará a ser uma categoria suspensa e a periferia continuará crescendo em direção ao centro - reivindicando e conquistando-o. nesse trajeto, aprendi sobre as espécies de cactos que preenchem a paisagem: mandacarú, palma, xique-xique, coroa de frade... alguns desses nomes inauguram minha pronunciam, brincam com meu sotaque. com um cacto na boca, atravesso a rota sertaneja sob um sol parecido com o de bangu. entro nas águas do rio francisco em canindé de são francisco e sei que, mesmo assim, nada vai aplacar a minha sede quando eu voltar para casa. mas, afinal, onde é a nossa casa? te desejo que encontre o seu lugar e se leve para passear, porque a gente é também o lado de fora e eles nunca contaram com a nossa imensa força de movência.

guaratiba - rj, 07 de março de 2025
[00:45]

você ainda está aqui?